



UMA CRIANÇA EM FRALDAS, UM MUNDO EM TUMULTO

O Natal se aproxima, aquela época do ano em que até mesmo os ateus declarados ficam sentimentais, os supermercados são invadidos por música gregoriana e o mundo concorda coletivamente em fingir, por alguns dias, que a paz não é apenas uma palavra do dicionário das ingenuidades. E no meio desse consenso embebido em vinho quente está mais uma vez Jesus de Nazaré, provavelmente a criança mais incomprendida da história mundial. Poucos personagens históricos foram tão profundamente descontextualizados, reetiquetados, reciclados ideologicamente e moralmente adotados à força. Jesus, o ecrã de projeção universal. Jesus, o primeiro influenciador sem Instagram. Jesus, que agora tem que servir para tudo: para o pacifismo e para as cruzadas, para a caridade e para o ativismo político, para o esoterismo, o veganismo, o socialismo e, mais recentemente, também para simplificações geopolíticas que podem ser convenientemente comprimidas em 280 caracteres.

No entanto, às vezes já seria um progresso concordar com o mais enfadonho: os fundamentos históricos. Não por dogmatismo, mas por respeito. Pois quem confunde as coordenadas talvez devesse ser um pouco mais cauteloso com as interpretações.

A JUDÉIA NÃO É UMA HASHTAG, MAS HISTÓRIA.

Jesus era judeu. Não “sentimentalmente”, não “espiritualmente”, não “em sentido lato”, mas de forma totalmente prosaica, totalmente concreta, totalmente étnica, totalmente religiosa. Ele nasceu na Judéia, cresceu na Galiléia e viveu em um mundo profundamente impregnado pelo judaísmo – em rituais, linguagem, pensamento, esperanças e conflitos. Suas parábolas são dificilmente compreensíveis sem a tradição escrita judaica, e suas discussões são simplesmente sem sentido sem a cultura de debate interno judaico. Jesus não era um outsider de sua religião, mas um produto de suas tensões internas. Ele não criticava “o judaísmo”, mas certas manifestações dele – assim como os profetas antes dele haviam feito.

No entanto, Jesus não conhecia a palavra “Palestina”. Nenhum de seus contemporâneos a conhecia. Ela simplesmente não existia nesse contexto. O nome “Síria Palestina” só foi introduzido mais de um século depois pelo imperador Adriano – como um ato político de humilhação após a revolta de Bar Kochba, aquela revolta desesperada e sangrenta do povo indígena judeu contra a potência ocupante romana. O nome não foi uma coincidência geográfica, mas sim uma política simbólica imperial: apagar o nome Judéia

COLHON O.M. Gruber-Lavin y Ochoa, FRSAs

*Representante-chefe da União Lazarus
Grão-Mestre da Ordem da Honra*



e substituí-lo por uma alusão aos filisteus, os antigos arqui-inimigos de Israel. O colonialismo começa muitas vezes com a renomeação.

Jesus nunca foi palestino. Não porque se queira negar algo a alguém, mas porque a história não aceita rótulos retroativos. Quem declara Jesus palestino diz menos sobre Jesus do que sobre a própria necessidade de torná-lo útil para as narrativas atuais.

O ÁRABE VEIO DEPOIS, MUITO DEPOIS

Igualmente desagradável é a afirmação de que Jesus era árabe ou falava árabe. A expansão árabe só chegou à região cerca de 600 anos após sua morte. Na época de Jesus, o árabe não era nem a língua de comunicação nem a língua cultural. Jesus falava aramaico, a língua cotidiana da região. O hebraico era a língua dos textos religiosos, o latim a língua dos ocupantes, o grego a língua do comércio e das elites cultas. O multilinguismo era uma realidade, mas o árabe não fazia parte dele. Quem arabiza Jesus não demonstra sensibilidade histórica, mas sim anacronismo com viés político.

É como se Sócrates fosse declarado cidadão da UE porque Atenas hoje fica na Europa. Pode parecer bom, mas não ajuda ninguém a pensar.

O ESTRANHO DESEJO DE REINTERPRETAR

Por que então essa necessidade de renomear, recodificar, reformular Jesus? Talvez porque um Jesus judeu seja desagradável para alguns. Um Jesus firmemente enraizado no judaísmo perturba a narrativa simples de agressor-vítima. Ele não se deixa instrumentalizar tão facilmente. Um Jesus judeu lembra que o cristianismo é inconcebível sem o judaísmo – uma lembrança que, historicamente, foi muitas vezes reprimida, negada ou substituída pela violência.

E talvez seja também a alergia moderna à complexidade. A história é complicada. Ela contradiz os atalhos morais. Ela se recusa a se encaixar obedientemente nos padrões atuais. Por isso, ela é suavizada, simplificada, reetiquetada – até se tornar agradável. O fato de que, justamente no Natal, o pregador itinerante judeu da Judéia seja privado de sua própria história tem uma ironia amarga que nem mesmo um satirista precisaria exagerar.

COL HON O.M. Gruber-Lavin y Ochoa, FRSA

Representante-chefe da União Lazarus
Grão-Mestre da Ordem da Honra



UMA PISCADAELA NO FINAL, MAS SEM CARTA BRANCA

É permitido rir de tudo isso. Sarcasticamente, cinicamente, com um piscar de olhos. É permitido apontar o absurdo de um homem do século I ser rebaixado a mascote dos debates atuais no Twitter. Mas não se deve perder de vista uma coisa: o respeito pela história e pelas pessoas cuja identidade não pode ser alterada arbitrariamente.

Jesus era judeu. Ele viveu na Judéia e na Galiléia. Ele falava aramaico. Ele não era palestino, nem árabe, nem ativista moderno, nem hashtag. Ele era um homem de seu tempo – e talvez seja por isso que ainda hoje seja um desafio.

E se já contamos histórias no Natal, poderíamos, excepcionalmente, tentar pelo menos não reescrevê-las.

Caros membros, amigos e apoiadores da União Lazarus!

Em nome da União Lazarus Internacional, desejo um Feliz Natal a todos que celebram esta data. Espero que nossos amigos que celebraram a Festa das Luzes (apesar da tragédia na Austrália) tenham tido um Chanucá radiante e significativo, e envio saudações calorosas e sinceras a todos que apreciam este tempo de esperança e união.

Que esta época traga paz, bondade e unidade não apenas à União Lazarus, mas a todos os corações e comunidades em todo o mundo.



COL HON Oliver M. GRUBER-LAVIN y OCHOA FRSA
REPRESENTANTE GERAL LAZARUS UNION INTERNATIONAL